




Kriolidadi

Parte integrante do Jornal A Semana nº 789 • Sexta-feira, 2 de Fevereiro de 2007



MORNAS DE CABO VERDE
 XANDINHA · Moira de Amândio Cabral
 SALAMANSA · Coladeira
 ÊS MUNDO · Moira de Amândio Cabral
 SODADE DE S. NICOLAU



Cascando Côcos

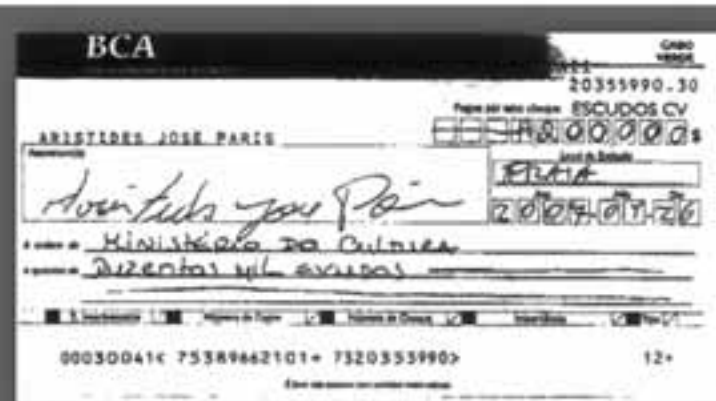
A 1002
T 72832

Zeferino

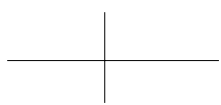
vence a batalha de “Sodade”

POLÉMICA: Política x Cultura

Tito devolve
‘o que não recebeu’

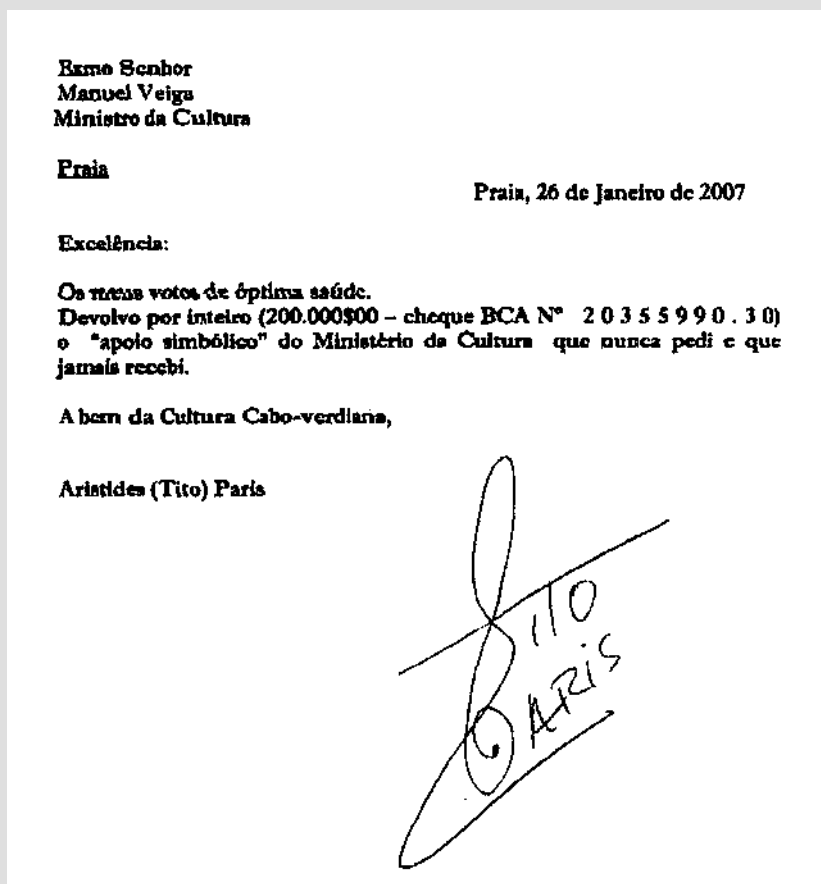


CineCize vira Centro Comercial



Polémica: política x cultura

Tito devolve 'o que não recebeu'



O cantor e compositor Tito Paris devolveu ao Ministério da Cultura (MC) o valor de um patrocínio que recebeu no ano passado, para um projecto musical que pretendia realizar. A cópia de um cheque de 200 contos, de uma conta no BCA, com a assinatura de Aristides José Paris, chegou à redacção de **A Semana** por fax, acompanhada de uma nota dirigida ao ministro Manuel Veiga. Nesta nota, o artista devolve "por inteiro", o "apoio simbólico do Ministério da Cultura que nunca pedi e que jamais recebi".

A frase encerra um contra-senso – devolver o que não recebeu – e falta à verdade ao dizer que não pediu o referido apoio. Um projecto intitulado "Tito Paris com Orquestra Cabo Verde 2006" foi apresentado – com a assinatura do próprio Tito – ao MC em Maio de 2006, tendo dado entrada no gabinete do ministro com o nº 458. Manuel Veiga despachou favoravelmente o pedido, concedendo um apoio de 200 contos a um projecto cujo custo total andava à volta de 1.500 contos.

Assim, a 8 de Agosto era emitido um cheque naquele valor, da Direcção-Geral do Tesouro, com validade até 2 de Setembro do mesmo ano. Em documentação disponibilizada pelo MC – na sequência de declarações de Tito sobre o sentir-se discriminado pelas autoridades nacionais – junto com a cópia do cheque encontra-se um recibo que não aparece assinado.

É baseado nesse facto que o representante do músico em Cabo Verde, Aldino Cardoso – em nome de quem foi emitido o cheque – afirma não ter recebido o valor em questão. "Re-

pare que o recibo não está assinado", chamou a atenção de **A Semana**, quando questionado sobre o assunto.

Mas quando confrontado com a devolução, que só pode ser de algo que se recebeu – caso contrário Tito estaria não devolvendo, mas entregando do seu próprio bolso 200 contos ao MC –, declarou: "Não quero pronunciar-me sobre isto".

Enquanto representante do músico no país, questionou-se Aldino Cardoso sobre se este imbróglio não o deixa em situação desagradável, ao que o comerciante e produtor musical respondeu que não. "Sinto-me muito bem, o Tito tem a posição dele..."

A "devolução" por parte de Tito Paris daquilo que diz não ter recebido nem pedido vem na sequência da resposta que o ministro da Cultura lhe deu diante de recentes declarações suas ao "Expresso das Ilhas". Numa entrevista a Eduíno Santos, Tito diz, entre outros aspectos, que é discriminado pelo governo por razões partidárias e que artistas como Cesária, Jotamonte e B.Léza são pouco lembrados por serem de Barlavento.

Com ou sem intenção por parte do artista, é inegável que a sua entrevista presta-se a ser o pontapé-de-saída para uma querela político-partidária e com contornos de bairrismo. E de facto, interesses numa polémica do género não deixam de se fazer notar, tendo a dinâmica das intervenções via Internet como aliada. Veja-se, a atestar este facto, as opiniões no fórum do *asemanaonline* e num artigo de opinião de João Medina, no *online "Liberal"*.

Gláucia Nogueira

“A frase encerra um contra-senso – devolver o que não recebeu – e falta à verdade ao dizer que não pediu o referido apoio. Um projecto intitulado "Tito Paris com Orquestra Cabo Verde 2006" foi apresentado – com a assinatura do próprio Tito – ao MC em Maio de 2006...”

CineCize vai virar condomínio fechado e centro Comercial

O empresário Patone Lobo é o vencedor do concurso público para a aquisição do Cine-teatro CineCize em Santa Maria. Em entrevista ao *Semanaonline*, o novo proprietário adiantou que aquele complexo vai mesmo ser demolido dentro de quatro a cinco meses para dar lugar a um condomínio fechado com um centro comercial de que vai fazer parte um novo, e mais moderno, cinema.

Os sócios da extinta CINESAL, dona até agora do actual CineCize avaliaram as sete propostas para a aquisição daquela propriedade, e decidiram premiar um dos seus: a proposta de Patone Lobo apresentada nessa mesma reunião foi a grande vencedora.

Lobo beneficia assim, segundo o próprio, de uma cláusula de preferência salvaguardada nas regras do concurso e que permitia a qualquer um dos cinco antigos proprietários

arrebatar aquele edifício, desde que suplantasse ou apenas igualasse a proposta maior. "Agora vou arranjar parcerias para levar a minha proposta avante, que é um projecto ambicioso", comenta. O entrevistado assegura que vários contactos de possíveis parcerias já foram feitos e não deverá haver nenhuma dificuldade neste aspecto, pois é "um grande projecto".

E Patone Lobo não só igualou, como suplantou em mil euros a proposta maior que falava exactamente em 137 milhões de escudos e pertencia ao grupo imobiliário italiano "Cabo Vento" com representação no Sal. De acordo com o vencedor do concurso, a sua proposta não só foi a melhor financeiramente, como era o melhor projecto, porque entre outras vantagens também inclui um cinema. "Portanto, o cinema vai continuar, em melho-

res moldes, com tecnologia moderna de alta definição...", avança.

Da actual CineCize só deverão ser aproveitadas as cadeiras, já que mesmo os projectores são considerados obsoletos. "O problema destes cinemas é que paga-se mais pelo transporte dos filmes, que pesam muito, do que pelos próprios filmes. Agora é possível importar filmes via Internet ou comprar em pequenos CD's, portanto vai haver cinema, mas muito mais moderno", diz. E, o cinema vai ser um espaço multiuso, para teatro, reuniões e outras actividades. Para isso o actual CineCize vai para o chão, para dar lugar a um condomínio fechado, um novo cinema, um centro comercial público "com vocação para instituições financeiras", além de restaurantes e lojas.

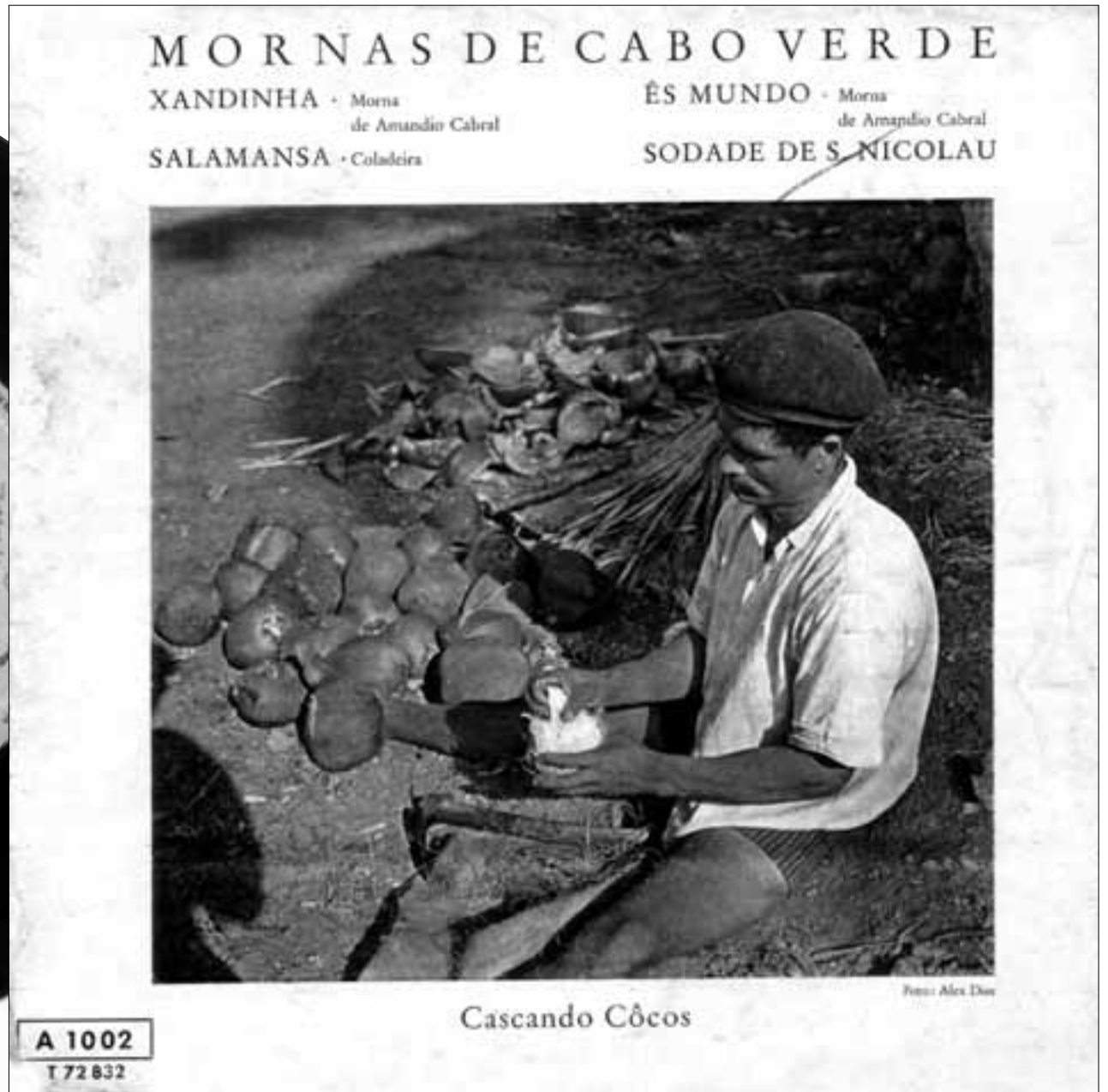
O condomínio fechado será construído

em duas grandes torres com apartamentos T1 e T2, parque de estacionamento na cave, piscina, etc., avança entusiasmado Patone Lobo, que afirma que o seu projecto "irá com certeza valorizar aquela zona e Santa Maria em geral. Lobo evita também avançar os valores para a edificação do empreendimento, até porque ainda não está pronto o projecto arquitectónico que será apresentado à CMS, dentro de um mês, assegura. Mas é certo que estamos a falar de muitos milhões de euros ou escudos, avança Patone.

Quanto ao início das obras, com o tempo para a aprovação e obtenção da licença para a construção, "espero que possam arrancar dentro de quatro a cinco meses no máximo" calcula o entrevistado. Quanto à empresa italiana, escusa-se a comentar, por enquanto, o assunto.

KS

DECISÃO INÉDITA EM CABO VERDE



MORNAS DE CABO VERDE
 XANDINHA · Morna de Amândio Cabral
 SALAMANSA · Coladeira
 ÊS MUNDO · Morna de Amândio Cabral
 SODADE DE S. NICOLAU

Cascando Cocos

A 1002
 T 72 832

Zeferino vence a batalha de “Sodade”

Armando Zeferino Soares é o verdadeiro autor de “Sodade”. Terminou assim a disputa judicial – a primeira que se regista em Cabo Verde nesse âmbito – que opunha este octogenário de S. Nicolau ao compositor Amândio Cabral, herdeiros de Luís Morais e às editoras francesas Morabeza Records e Editions de Bertholène. Os primeiros, pelo registo indevido da música em nome daqueles dois artistas; as empresas, pelos benefícios que tiraram da sua exploração comercial.

O juiz Amândio Delgado Brito, do tribunal de S. Nicolau, considerou causa ganha o reconhecimento de Zeferino Soares como o autor da morna “Sodade”. Numa sentença do dia 20 de Dezembro que transitou em julgado (tornando-se, portanto, definitiva) a 11 de Janeiro, o juiz encerrou definitivamente o processo de autoria da morna Sodadi, desencadeado em meados de 2002, na sequência de uma entrevista do músico Paulino Vieira ao **A Semana**, em Maio daquele ano.

Nas palavras – certas, como agora ficou provado – deste conterrâneo de Armando Zeferino Soares, este era o autor de “Sodade” e não a dupla Cabral/Morais, que a tinha registado na Sacem (organismo que administra os direitos autorais em França) em 1991, quando estava para sair “Miss Perfumado”, primeiro grande êxito mundial de Cesária Évora, editado pela Editions de Bertholène (por acordo com a Lusafrika, do empresário de Cize, Djô Silva). Isso depois de esta música ter sido gravada por vários outros intérpretes, entre os quais o próprio Amândio Cabral, em 1960, e o angolano Bonga, no início da década de 70 (daí a Morabeza estar também citada, já que editou o disco do cantor angolano que traz este tema).

Um dos aspectos que terá pesado na decisão do juiz é o facto de, no disco em que Amândio Cabral gravou esta música – um 45 rotações da colecção “Mornas de Cabo Verde”, editada pela Casa do Leão entre fins da década de 50 e início da década de 60 – um

“
O processo iniciado em 2002, 48 anos depois de Zeferino Soares ter composto “Sodade”, visava, como explica o advogado, repor os seus “direitos morais, que é o reconhecimento da autoria, e patrimoniais, que têm a ver com os proventos resultantes da exploração comercial da música”.
 ”

outro tema, “Xandinha”, aparece em seu nome, mas não “Sodade” (da qual não se indica o autor), o que faz concluir que, à época, o cantor não a considerasse sua. Mais tarde, Cabral viria a registar a música na Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), ainda antes de o fazer em dupla com Luís Morais na França.

O processo iniciado em 2002, 48 anos depois de Zeferino Soares ter composto “Sodade”, visava, como explica o advogado, repor os seus “direitos morais, que é o reconhecimento da autoria, e patrimoniais, que têm a ver com os proventos resultantes da exploração comercial da música”. No decurso do caso, a convite do empresário Djô Silva, Hélio Sanches e o seu cliente estiveram em Paris para negociar um entendimento e chegaram a acordo. Convidado também para lá estar, Amândio Cabral nem sequer respondeu. Como também, segundo o advogado, não reagiu nem contestou quando citado pelo tribunal. Assim, foi condenado.

Relativamente aos herdeiros de Luís Morais, Zeferino Soares desistiu de pedir indemnização, porque, para além de o clarinetista ter admitido publicamente, pela imprensa, que não era o autor de “Sodade”, Zeferino entendeu que o arranjo que Luís Morais fez para a música contribuiu para o seu sucesso.

Quanto às duas empresas, Morabeza records e editions de Bertholène, não puseram em causa a autoria de Zeferino Soares, pelo que este desistiu também de exigir delas qualquer indemnização. Por outro lado, está-se a ponderar no momento a hipótese de um novo processo, revelou ao **A Semana** Hélio Sanches, desta vez contra pessoas que, depois de despoletado o caso, reivindicaram também a autoria de “Sodade”, na sua opinião “para tentar dissuadir Armando Zeferino Soares”. Estas pessoas, esclarece, podem ser processadas por injúria e difamação.

As consequências práticas da sentença sobre “Sodade” são várias e vão do cancelamento dos registos

existentes na Sacem e na SPA com os nomes de Cabral e Morais ao pagamento dos montantes recebidos desde a data do registo na Sacem (20.08.1992) até à data da eliminação efectiva daqueles registos. No caso de Cabral, o mesmo vale desde que fez o registo na SPA – data não revelada. A “limpeza” do nome da dupla inclui compilações e outros locais onde possa constar, internacionalmente.

Quanto aos valores que o cidadão de S. Nicolau irá receber, segundo o seu advogado, ainda é cedo para saber, porque será necessário recorrer-se a um profissional especializado para o apurar. “Mas isto não importa agora. O que interessa é que temos esta sentença”, salienta Sanches.

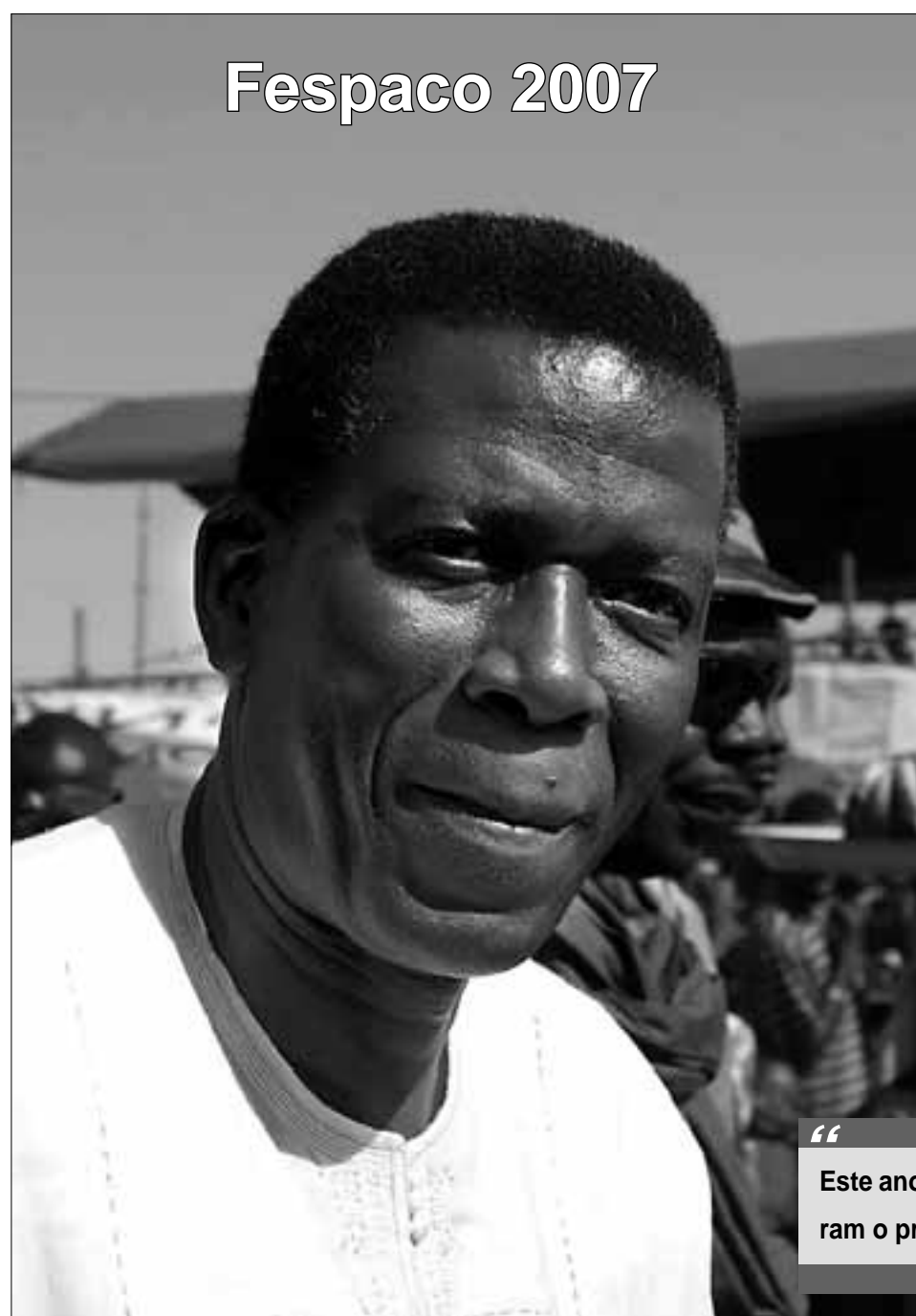
Quanto a Armando Zeferino, não foi possível ouvir a sua reacção a esta sua vitória na Justiça porque o comerciante de Praia Branca, antigo emigrante no Brasil, se encontrava doente na altura do fecho desta edição. Contudo, assim que a Sociedade Cabo-Verdiana de Autores (SOCA) esteja a funcionar e aceite inscrições, deverá de imediato proceder ao registo da sua música.

Contam-se, entre os intérpretes que gravaram “Sodade”, para além de Cesária, Bonga e Amândio, nomes como Djack Monteiro, Dany Silva, Paulino Vieira, Abel Lima, Tito Paris e Jacqueline Fortes. E ainda a grega Elefteria Arvanitaki e os portugueses Paulo de Carvalho e Dulce Pontes.

Este caso faz lembrar a célebre “lambada” do fim da década de 80, episódio que também teve como ponto de partida a França. Na altura, uma música que nem era brasileira surge para o mundo como tal – a vender uma imagem tropical com belas mulatas e muitos requieiros – a partir de um anúncio publicitário da marca de refrigerantes Orangina, veiculado pela TV francesa. O caso termina também no tribunal, tornando milionários dois anónimos cantores colombianos.

Gláucia Nogueira

Cinema africano veste-se de gala



Fespaco 2007

A 20ª edição do Fespaco – Festival de Cinema e Televisão de Ouagadougou acontece de 24 de Fevereiro a 3 de Março na capital do Burkina-Faso. As inovações deste festival do audiovisual africano, que acontece de dois em dois anos, devem ser apresentadas hoje, sexta-feira, em Paris, pela organização do evento.

Fespaco é a maior manifestação cinematográfica de África e, segundo a organização, tem contribuído de forma efectiva para a notoriedade internacional de vários cineastas, entre os quais o angolano Zezé Gamboa, que ganhou o prémio de melhor fotografia na 19ª edição do festival com o filme “O Herói” e o mauritano Abderrahmane Cissako, vencedor em 2003 do Grande Prémio do Fespaco, o Padrão de Yenenga.

Este ano, o Mali estará em destaque, com cerca de 10 filmes, incluindo três que já conquistaram o prémio Padrão de Yenenga, que serão projectados durante os sete dias do evento. E nessa retrospectiva da produção cinematográfica do Mali, os filmes malianos que ganharam vários prémios internacionais como “Niamanto”, do realizador Cheick Oumar Sissoko, ministro maliano da Cultura, “Tadona” e “Tafé Fanga” (prémio do júri 1999 do Fespaco), ambos do realizador Adama Drabo, serão igualmente projectados.

Este interesse pelo cinema do Mali resulta do facto deste ser o único país africano a ter conquistado na história do Fespaco três vezes o Padrão de Yenenga, o prémio supremo deste festival. Foram os filmes “Baara”, em 1979, e “Finyé”, em 1983, de Souleymane Cissé, e “Guimba, le Tyran sanguinaire”, de Cheick

Oumar Sissoko, em 1995, esses vencedores.

Em 2005, 19ª edição do Fespaco, fora distinguido o filme “O Herói” do realizador angolano Zezé Gamboa, co-produzido por Angola, França e Portugal. O filme, o primeiro de ficção deste cineasta, conta a história de Vitorino (interpretado pelo actor senegalês Oumar Makena Diop), um soldado de 35 anos, que regressa a Luanda mutilado pela explosão de uma mina. Graças à interpretação de Diop, o filme levou ainda o prémio do júri para melhor filme dramático estrangeiro, na edição desse ano do Festival Sundance, um dos mais importantes a nível mundial dedicado ao cinema independente.

Nesse ano, 2005, o Padrão de Ouro de Yenenga, foi ganho pelo realizador sul-africano Zola Maseko, com o filme “Drum”, que evoca as duras condições dos trabalhadores nos campos agrícolas da África do Sul durante o apartheid e denuncia as injustiças desse sistema. O prémio foi acompanhado de um cheque de 10 milhões de francos CFA (cerca de 20 mil dólares americanos) e de rolos de filme avaliados em três mil euros. “Drum” venceu ainda o prémio de melhor cenário, estimado em 500 mil francos CFA. O “Padrão de Prata” foi ganho pelo filme “La Chambre Noire” do marroquino Hassan Beljelloum, enquanto o “Padrão de Bronze” foi conquistado pelo filme “Tasuma” do burkinabé Kollo Daniel Sanou.

Este ano a cerimónia de abertura da 20ª edição do Fespaco será presidida pelo secretário-geral da Organização Internacional da Francofonia (OIF), Abdou Diouf.

Constância de Pina

“

Este ano, o Mali estará em destaque, com cerca de 10 filmes, incluindo três que já conquistaram o prémio Padrão de Yenenga, que serão projectados durante os sete dias do evento.

”

“Casa da Cultura” fecha as portas

O programa televisivo “Casa da Cultura” teve a sua última apresentação quarta-feira passada, 31. O anúncio foi feito pelo seu apresentador, o artista plástico Abraão Vicente, que decidiu pôr fim à co-produção CCF/TCV/Abraão Vicente. Motivo: “As outras partes não cumpriram o acordo inicialmente assinado”.

Em duas semanas, este é o segundo programa a ficar fora da grelha da programação da TCV. Na edição anterior, A Semana anunciara a saída do “Top Crioulo”, uma produção da Agência Cabo-Verdiana de Imagem, ex-Textimédia.

De acordo com Abraão Vicente, inicialmente o seu acordo com o CCF era para a realização e apresentação de um magazine cultural semanal dedicado à divulgação de eventos culturais. “A TCV concedia o tempo de antena e recebia gratuitamente o programa, cujos custos seriam inteiramente cobertos pelo CCF”, explica. A co-produção, contudo, “resumiu-se no fornecimento de (poucos) meios técnicos e financeiros por parte do CCF e na cedência do tempo de antena pela TCV, cabendo a mim a realização de todas as etapas de produção do programa, excepto a montagem”.

Por outro lado, acrescenta Vicente,

o envolvimento da TCV com o projecto “tem sido o mínimo. Eles prometeram depois apoiar com cameraman e outros meios técnicos, mas tal não aconteceu. A ‘Casa da Cultura’ cresceu e já não pode continuar a ser realizado nas condições em que tem sido feita, ou seja, eu sozinho a cuidar da produção, marcação de artistas, viagens, reportagens, carregando o tripé e a máquina, escrevendo o guião, mais a realização e apresentação, isso tudo num programa semanal”, afirma.

Aliás, “o programa só tem passado porque existe um acordo, quase emocional, com a actual directora Margarida Moreira, que abriu uma excepção e permitiu que se entregasse o programa no dia da sua emissão. Para mim, é impensável continuar a acarretar com as responsabilidades de fazer um programa quase sozinho”.

Questionado por que não procura então um novo parceiro, Abraão explica: “Isso implicaria também um investimento mínimo em materiais técnicos, ou seja, criar uma produtora para a Casa da Cultura, pois o programa teria de responder a um certo padrão de qualidade técnica. O projecto é bom, já tem uma audiência cativa e contribuiu grandemente para a normalização do crioulo como língua de

comunicação na televisão”.

Segundo o artista, Cabo Verde possui um grande potencial para o desenvolvimento de uma verdadeira indústria cultural, “mas enquanto olharmos a cultura somente no folclórico, espontâneo, e continuarmos a descuidar da nossa história/origem e da nossa educação, não acredito que a cultura tenha possibilidades de se auto-sustentar”.

Segundo o novo director de programas da TCV, João Pires, o contrato expirou e a produtora e o realizador resolveram não renová-lo. Mas “sabemos que estão envolvidos noutros projectos”, acrescentou. Outras fontes da televisão estatal afirmam que a fraca qualidade técnica estará por trás do fim do “Casa da Cultura”. Já o director do CCF, David Fajolles, justifica que o contrato inicial era de apenas lançar o programa e que Abraão teria de procurar outros patrocinadores, mas “tal não aconteceu, talvez porque não teve tempo”.

Abraão Vicente deverá voltar a dar a cara na TV, ainda este ano, no programa “Intimidades”, um projecto da Agência Cabo-verdiana de Imagem, que visa realçar as personalidades do país em diferentes áreas.

Silvia Frederico





Jeune Philharmonie apresenta 'Buda' de Vasco Martins

A "Sinfonia 4" de Vasco Martins, intitulada "Buda" é interpretada em Paris pela orquestra La Jeune Philharmonie de Seine-Saint-Denis, com direcção de Henri-Claude Fantapié. No dia 23 de Março, o local será o Conservatoire du Bicentenaire de la Révolution e, no dia seguinte, o Théâtre des Bergeries.

A "Sinfonia 4 - Buda" foi escrita em Março, de 2001, quando Vasco Martins leu um livro sobre o tema. "Estava a ler um livro sobre Buda e fiquei sensibilizado com a vida e a profunda mensagem dos seus ensinamentos. Escrevi a orquestração da sinfonia directamente no papel, enquanto compunha em diversos lugares da ilha de São Vicente - lugares mágicos - nas montanhas, perto do mar, debaixo de uma velha amendoeira, ao fim da tarde e ao

“
É uma sinfonia onde tento transmitir plenitude e tranquilidade. Por natureza, somos uma luz que é constantemente obscurecida. É a minha modesta homenagem a Buda
 ”

amanhecer, seguindo o ritmo das notas e o ritmo incerto do universo”, diz.

“É uma sinfonia onde tento transmitir plenitude e tranquilidade. Por natureza, somos uma luz que é constantemente obscurecida. É a minha modesta homenagem a Buda”, afirma o músico cabo-verdiano, recordando que a sinfonia foi apresentada pela primeira vez em São Paulo, Brasil, em 2001, pela Orquestra Sinfónica da Rádio Cultura, dirigida pelo maestro Lutero Rodrigues.

La Jeune Philharmonie de Seine Saint-Denis reúne alunos de vários conservatórios musicais dessa região, nos arredores de Paris. A orquestra, para além das apresentações e concertos, participa excepcionalmente de manifestações, festivais e espectáculos de rua (em particular

com as companhias Oposito e Décor Sonore) sem contar os tournées que faz pela Europa, além da própria França.

Do programa da Orquestra para 2006-2007, a par de Vasco Martins, destacam-se na composição nomes como Mozart, Beethoven, Fauré e ainda Piazzola e Charles Ives. Sobre Vasco Martins, lê-se no site da orquestra: “Descobrimos Vasco Martins, compositor de Cabo Verde, que fez os seus estudos em Portugal e em Noisy-le-Sec. A sua escrita 'néo modale' entra no património da música nostálgica e sonhadora das suas ilhas, em particular da morna. A bela atmosfera da 'Sinfonia 4 Buda' pode igualmente evocar a força da música de Anton Bruckner, este um dos maiores compositores austríacos da era romântica”.

Constância de Pina



Lura leva 'M'bem di fora' ao Brasil

Após percorrer as principais cidades europeias, a cantora Lura leva o seu novo disco "M'bem di Fora" ao Brasil, entre os dias 8 e 11 de Fevereiro. Lura tem três espectáculos agendados para o Sesc de Santo André, no estado de São Paulo, numa promoção da Associação Cabo-Verdiana do Brasil e do Consulado-Geral de Cabo Verde.

Lura tem ainda em Fevereiro, dia 28, um outro espectáculo no Brasil, desta vez uma apresentação só para convidados. Também o cantor e compositor Tcheka estará no Brasil neste mês de Fevereiro, onde deverá actuar, por altura do Carnaval, em São Paulo.

CP

Ex-OG descontente com seus discos

Natalino Gomes, antigo integrante do duo de hip-hop OG, que teve um disco produzido por Eduíno do grupo Ferro-Gaita, sob a etiqueta Nos Kultura, não sabe o que fazer aos cerca de 200 discos que tem em mãos sem poder dar-lhes saída.

É que um lote de 400 discos foi tudo o que pôde receber pelo seu disco, um pagamento que teve de aceitar, a contra-gosto, por não ter feito previamente um contrato com o produtor. Agora, corre de um lado para o outro com o disco que não consegue venda. É que sempre que tenta pôr os CD's à venda, recebe invariavelmente a resposta de que já o têm. Sem estrutura, há sempre quem chega antes que Natalino Gomes, artista que sempre sonhou com o dia em que gravaria um disco, e que agora tem 200 CD's nas mãos para "rabidar" e ver assim o seu esforço compensado. Sem rumo nem direcção o músico foi recentemente ao Ministério da Cultura, para que lhe comprem aí os seus discos, e diz estar à espera de resposta.

Natalino, que actualmente reside no Maio e trabalha em hotelaria, deslocou-se no ano passado à Alemanha, onde fez alguns workshops com crianças. No seu trabalho musical, procura aliar o rap às manifestações musicais tradicionais de Cabo Verde.

Enquanto membro do OG, que fundou com Leo em 1995, tendo nos primeiros tempos contado com a participação de um outro membro, Jair, participou, em 2002 e 2003, no festival da Gamboa, junto com os Ferro-Gaita. O duo separou-se em 2004. Agora, Natalino está a trabalhar numa maquete com vista a gravar um disco a solo.

GN





Homenagem Frank

AMÍLCAR SOUSA LIMA - 27-1-2207

25 de Janeiro de 2007, 16H10. O féretro contendo os restos mortais de Francisco Almeida, vulgo Frank Dina, baixou à terra. Menino de S. Vicente, nascido e criado, Frank contava com avançada idade. O dia estava maravilhoso, soalheiro, sem vento, céu limpo e muito azul, um dia acolhedor.

É agradável evocar quem foi Frank. A notícia do seu passamento foi-me dada pelo Lima do Pica-Pau. O funeral partiria às 15 horas de Campin, zona de sua residência. Quaisquer que fossem os meus compromissos nesse dia, não podia faltar a essa despedida do Frank para a eternidade. Impressionou-me quando era jovem.

Na minha adolescência fiz uma temporada na Rua de Matijim (bar Tilina). O conhecimento e amizade com o Frank datam dessa altura. Ele e o Gesnam eram os meus companheiros, pois faziam guarda ao botequim dormindo no sótão. Ele despertava-me muito cedo para, na rua, sob a brisa fresca da manhã, memorizar as matérias do liceu. Às 6 horas, tinha a incumbência de ir comprar manteiga no Sr Júlio Pombinha ou no Pudjim, após o que levantava o pão quente na padaria do Gamboa Matos. Às 7 horas em ponto, de domingo a domingo começava o serviço de pequeno-almoço, à base de cachupa guisada, para aqueles que iam tirar o seu dia de trabalho.

Frank e Gesnam nos dias de fartura, normal, exageravam um pouco nos cleps. Frank era um bom apreciador do vinho tinto. Quando exage-

ravam nas doses, engalfinhavam-se em acesas discussões que impossibilitavam o sono de quem estivesse nas proximidades. Esses sacristas não me deixam pregar o olho, pensava eu que tinha compromissos logo cedo.

Frank era a única pessoa capaz de sintonizar o rádio-Phillips que havia no bar, quando se tratava de seguir os jogos em Portugal. Tinha uma precisão de ourives e uma paciência de chinês. Graças à sua perícia, pudemos seguir o grande espectáculo que foi o jogo Coreia-Portugal, com Eusébio, a pantera negra, em excelente forma. Foi a mais dolorosa vitória da equipa das quinas de que há memória.

Frank tinha uma outra particularidade extraordinária. Era detentor de uma caligrafia legível, bonita. Não me lembro que ele tenha sido aluno da escola de Tifefia que tinha fama de forjar alunos com uma caligrafia tipográfica. Por causa desse trunfo, numa zona em que prevalecia o analfabetismo, Frank detinha o monopólio de pintura dos nomes e nº dos botes que sulcavam a baía e redondezas, o que lhe proporcionava algumas massas. Também era assiduamente solicitado pelos colegas para ajudar na partilha dos resultados de um



de Dina

bom *business*. Trabalhava com Ti Djô Figueira. De quando em vez, explorava a minha condição de estudante do liceu para o coadjuvar na feitura dos moldes em cartão. Era Mindelense fervoroso e eu era um torcedor pelo Derby. Quando os dois clubes se encontravam, no que era um verdadeiro confronto de gigantes, a aposta era mais do que certa: 2\$50. Ora ganhava ele, ora eu.

Judite, familiar de Tilina e o seu braço direito, era a sua paixão não obstante a diferença de idades. Foi só paixão, não passou disso. A Judite, que não era falsa nem ingrata, afastava-o com as suas gargalhadas ingênuas e inocentes.

Frank integrou a geração dos valorosos remadores dos botes dos negociantes de baía que a partir dos barcos fundeados aprovizionavam S. Vicente duma variedade impressionante de produtos e mercadorias, fosse por via legal ou por contrabando. Daí deverem ser gente séria, leal e de confiança toda essa malta, enfim, cúmplices. A sua sobrevivência dependia desses expedientes coroados com sucesso.

Frank é do “tempo em que rua de Matijim era rua de Matijim”. Cada porta franqueava o acesso a

um botequim, mercearia, casa de pasto ou outro tipo de negócios. Corria dinheiro nesse tempo. Toda a casta de produtos era encontrada: madeira, carvão, tintas, cordas, milho, feijões, cevada, polack, carne, açúcar escuro, leite condensado, conserva, bebidas espirituosas, e todas as marcas de cigarros do mundo. Se aos homens, (os catraeiros, os estivadores, os negociantes, shiphandlers), estavam reservadas as lides ligadas ao mar e aos barcos, às mulheres, valorosas, cabia a dianteira dos negócios. Nesse elenco pontuavam, entre outras, Juliana de Constantino, Mari Vitória, Vitória, Nha Júlia, Nha Djena, Nha Custódia, Anita, Alice, Juliana de Cucha...

À frente das casas de pasto, impunham-se Piedade de Pedro Bernarda, Bibi, Tilina, Gusta e Nha Maria Amélia, Nha Maninha, Bia de Edufno, mulheres de pulso, destemidas, com as trancas de porta sempre à mão, pois só assim poderiam impor o respeito. As panelas de cachupa, os guisados, os *spaguetes*, os grãos-de-bico, os escabeches, as carnes de porco assadas, as moreias fritas, os peixes com molho de cebolada, as aranhas, os doces de coco, nada sobrava para o dia seguinte. Tudo era papado com apetite, gosto e prazer.

Rosa de Conhe, Geralda, Aida (Taivon) tinham a tarefa de, entre outras coisas, transportar nas suas cabeças as supirinhas das fábricas Gomes e Galleano. De vez em quando sofriam a concorrência desleal de c’made Onça.

Rua de Matijim desse tempo também possibilitou os pinotes no vapor que alargaram os horizontes desse povo agrilhado nessa altura pela seca, pelo mar e pela dominação.

Nas horas de escasso movimento na baía, os momentos de ócio eram preenchidos com partidas de uril e jogos de carta, muitas vezes com apostas debaixo do banco. Os bancos de uril do Sr Estelista, de João Pinto e Pedro Bernarda fizeram histórias com os *ptá de cabeça*, os paus, as defesas de rabo, as casas que não comiam nada, etc. As noites eram muitas vezes animadas com música ao vivo no bar de Jôn Quinha, que dispunha de todos os instrumentos musicais para quem soubesse tocar e estivesse disponível. Bastaria o estímulo de um lubrificante (pontche, vinho ou grogue corange). Griga (Ptchá na rede) era quem tinha o repertório mais completo das músicas cantadas.

Nós os mais novos éramos todos estimados pelo Frank ao que correspondíamos com o nosso respeito e admiração pelas suas proezas nos combates.

Numa rua com tanto movimento, sempre apinhada de gente de todos os feitios e temperamentos, e em que escorria caco e bafa à vontade, o bom vinho das adegas de Nhô Mõrgóde e Nhô Matijim e o genuíno grogue de S. Antão, era normal surgirem conflitos, desavenças, contradições e disputas que muitas vezes culminavam com um bom corpo a corpo. O movimento era reforçado com a presença de muitos sanicolaenses e “*cabreiros*” que labutavam nos barcos de pesca da Congel e Frigorífica. O mestre Luís Víula, natural da Madeira, grande amigo do Frank, convivia assiduamente com ele nas horas de lazer.

Rua de Matijim era um corredor obrigatório para as donas de casa a caminho do pelourinho de peixe. Uma passarela para as empregadas com o seu saracoteio permanente de ancas a “*intentar*” os homens. As meninhas de Piedade já despertavam os oitenta mil odiosos dos rapazes, bem como as filhas de Nha Custódia. Bilai, uma morena lindíssima que vivia em casa de Sr. Estelista, também era um grande chamariz. Bebey, da varanda da casa de Nha Bia Sena, fazia os rapazes da Académica folgarem um pouco o Alto Mira-Mar. Esse grupo de beldades reforçava-se com a presença das amigas que não ficavam atrás em matéria de boniteza.

Os conflitos insanáveis eram resolvidos a soco, porque a filosofia reinante rezava que discussões eram coisas de mulheres. As guerras eram decididas no próprio local de origem da discórdia ou então transferidas para as areias da Praia de Bote. Acontecia muitas vezes um dos contendores mais astutos salgar os olhos do adversário com uma mãozada de areia. Essas lutas eram autênticos es-

pectáculos com a assistência formando um círculo, atenta para não haver ruma e para separar em caso de desequilíbrio flagrante. Essa malta era influenciada pelas fitas de cowboy, de piratas e de guerra que então lotavam os cinemas Éden Park e Tuta e inspiravam-se nas façanhas dos actores da época: Burt Lencaster, Kirk Douglas, Allan Lade, Sean Connery, Robert Mitchum, Jack Pallance, Yul Brenner, Tony Curtis, Charlton Heston, Glen Ford, Lex Barker, Pierre Brice, John Wayne, Belmondo, Anthony Quinn, Marlon Brando, James Maison... Daí que nas lutas as armas principais eram os punhos, os pontapés, as calapadas, as quedas, a rapidez, a decisão, a surpresa, o sangue frio. Os socos falsos não eram consentidos. Nada que se compara com as guerras de hoje, onde entra tudo e mais alguma coisa: pedradas, tesouradas, laminadas, navalhadas, catanadas, garrafadas, pauladas, ferradas, choques eléctricos e até tiros. Resultado, banco de urgência ou cemitério, não há meio-termo. Os filmes de hoje transmitem uma mensagem muito mais violenta e, ainda por cima são complementados com os horrores divulgados diariamente pela televisão.

Nas lutas da rua de Matijim, Frank impunha-se com o seu esquerdo demolidor. Sem ser muito corpulento, de estatura mediana, não se deixava atemorizar por ninguém. Destemido quanto bastasse, lutava por desporto. Muitas vezes, terminadas as disputas era normal os adversários de há bocado, confraternizarem-se trocando um copo de bebida.

Além do Frank, havia mais malta que não atuava abuso de terceiros. O Firmino de Paula tinha uma calma fatal, limitava-se a surpreender o adversário no ponto crucial; o Modesto (pênameio) com a sua cabeçada que parecia uma marretada; o Liftin com o seu borboletear de corpo; o Djack Barbela, era tiro e queda; o Tojo; o Rôte; Caputcha, Adolfo, Manel Avelino, Steves (o tatuador) ...tudo gente de fibras e músculos esculpidos no remar constante nas águas abençoadas do Porto Grande.

Frank tinha um jeito peculiar de andar. O corpo ligeiramente descaído para a esquerda, as mãos estiradas ao longo do corpo parecendo o cowboy atento a sacar do colt a todo o instante a sua arma mortífera.

Frank teve um filho, o Luís de Nuna, que cresceu no Lombo. Luís herdou do pai a coragem, o destemor, a astúcia de luta. Lamentavelmente, teve uma morte trágica e precoce. Corriam os tempos de transição para a independência de Cabo Verde. Tempos de muita tensão. No Éden Park estreavam-se pela primeira vez os filmes de artes marciais com Bruce Lee a deliciar os jovens com os seus pontapés aéreos e fulminantes. A afluência às bilheteiras era desmedida, as “*botchadas*” e os empurrões geravam desmandos e, numa dessas confusões, Luís encontrou a bala que o tiraria deste mundo, disparada por um agente de polícia. Um contratempo que deixou o Frank completamente arrasado. Era o seu único filho.

Já em idade avançada, deslocando-se com dificuldades, com a visão diminuída, Frank procurava-me por ocasião da quadra natalícia para “*tomar a sua festa*”.

À sua última morada, Frank teve a companhia de muitos jovens da sua zona de residência – Campin –, de familiares, de alguns colegas estivadores e de poucos companheiros do tempo em que rua de Matijim era rua de Matijim. O Sasse é desse tempo, estava lá triste, emocionado talvez, meditando nas muitas coisas que lhes foram comuns.

Com a terra já a tamborilar na tampa do seu caixão branco – a terra toma o que dá – deparei-me com Xante de Mari Vitória. O aperto de mão trocado avivou toda a memória daquele tempo de menino e das brincadeiras com os carros de arame de que ele Xante era um talentoso construtor.

16H10: a terra acolheu aquele que terá sido o *último magnífico* de uma rua que tem orgulho de ter sido o que foi. A grandeza da morte constrói-se em vida, diz-se. Frank deixou marcas em todos os jovens que beberam da sua sabedoria e da sua experiência, por isso não tem razões para não descansar em paz.

“
A grandeza da morte constrói-se em vida, diz-se. Frank deixou marcas em todos os jovens que beberam da sua sabedoria e da sua experiência, por isso não tem razões para não descansar em paz.
”

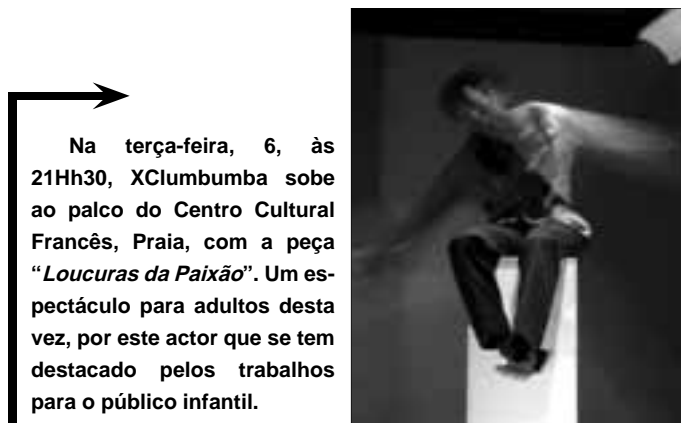
Agenda Cultural



Este domingo, 4, o Centro Cultural de Mindelo, acolhe, às 20h30, a companhia de dança Raiz di Polon, que inicia uma tournée internacional por vários países da África Ocidental. "Ruínas", "Dom Quixote of the Islands" (solo de Mano Preto) e "2 sem 3" são apresentadas em sequência. Bilhetes: 300 escudos.



"O campo de concentração do Tarrafal (1936-1954) – A origem e o quotidiano", de José Manuel Soares Tavares, é lançado amanhã, no Centro Comunitário de Chão Bom, Tarrafal com uma ampla programação. Inclui uma marcha de Chão Bom até ao antigo campo de concentração, e uma visita guiada, às 10h45. Às 12h30, está programado um torneio de futebol e à noite há um jantar convívio no Centro Comunitário e um baile numa discoteca local.



Na terça-feira, 6, às 21h30, XClumbumba sobe ao palco do Centro Cultural Francês, Praia, com a peça "Loucuras da Paixão". Um espectáculo para adultos desta vez, por este actor que se tem destacado pelos trabalhos para o público infantil.



No Sal, hoje, sexta, o cantor Djila Lobo vai subir ao palco do Hotel Belo Horizonte para interpretar algumas das conhecidas músicas que foram sucesso na voz do seu irmão, Ildo Lobo.



O próximo concerto de Mayra Andrade está marcado para a Suíça, na cidade de Merges. A cantora cabo-verdiana sobe ao palco do Teatro de Beausobre na próxima quinta, 8.



Também no Sal, este sábado vai haver noite cabo-verdiana no Hotel Morabeza, na praia de Santa Maria. O grupo Ouvi Criol actua a partir das 20h30, seguido de um grupo que vai animar o espaço com danças tradicionais de Cabo Verde.



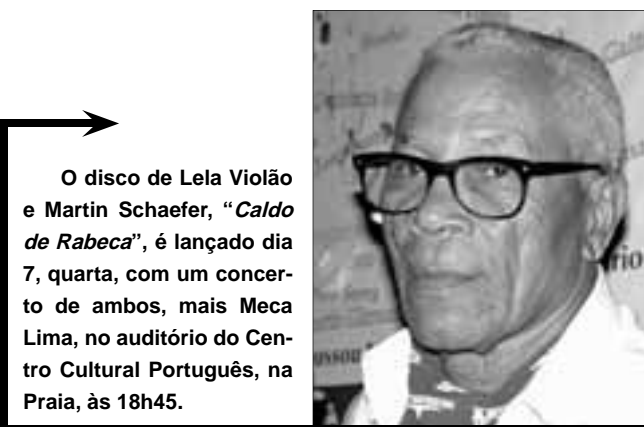
Zeca Couto, Albertino e Totinho estarão esta noite no Quintal da Música, Plateau, cidade da Praia. Para amanhã, a animação fica a cargo de Mário Luís e sua banda. O show começa às 20h30.



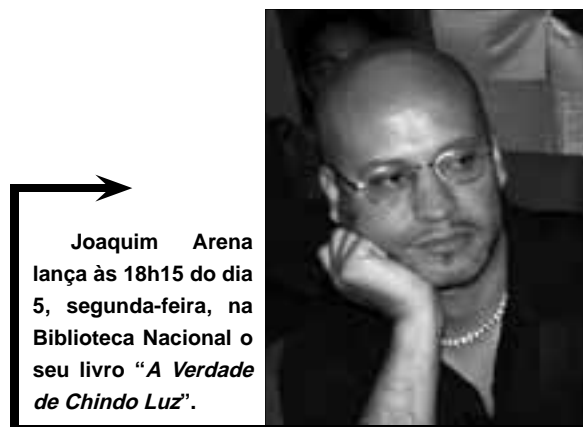
O trio Sulabanko – Mamadou Buhr, voz; Joaquim Arena, violão, voz; e Stéphane Perruchet, percussão – dará um mini-concerto, próxima quarta-feira, às 21h30, no CCF na Praia.



A XXII Feira do Livro Português arranca na próxima terça-feira, pelas 17h30, na Biblioteca Nacional.



O disco de Lela Violão e Martin Schaefer, "Caldo de Rabeca", é lançado dia 7, quarta, com um concerto de ambos, mais Meca Lima, no auditório do Centro Cultural Português, na Praia, às 18h45.



Joaquim Arena lança às 18h15 do dia 5, segunda-feira, na Biblioteca Nacional o seu livro "A Verdade de Chindo Luz".

Samuel Gonçalves em congresso lusófono



O médico e escritor Samuel Gonçalves participa, este mês de Fevereiro, nos congressos da União dos Médicos Escritores e Artistas Lusófonos (UMEAL) e das Academias de Letras do Nordeste do Brasil (ALNB) a decorrerem no Recife, capital do estado de Pernambuco.

O médico fogueense radicado em S. Vicente, autor do romance "Chinho e Co-

lixo", premiado em Portugal no ano passado, será o único médico e escritor cabo-verdiano a representar o nosso país nesses dois eventos.

De acordo com o programa do encontro da UMEAL, haverá a entrega do Prémio Hebron de Literatura, patrocinado por um laboratório de medicamentos com o mesmo nome e que é atribuído a contos.



Lura actua amanhã, 3, na Maison de la Culture, cidade de Nevers, em França.